



## A BOA POLÍTICA AO SERVIÇO DA PAZ

*Nota da Comissão Nacional Justiça e Paz  
sobre a mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz*

A Comissão Nacional Justiça e Paz quer, através desta nota, chamar a atenção para a oportunidade da mensagem do Papa para o 52º Dia Mundial da Paz (celebrado a 1 de janeiro de 2019), mensagem que tem por título: *A Boa Política Está ao Serviço da Paz*.

São várias as circunstâncias que marcam a atualidade e que tornam particularmente oportuna esta mensagem, relativa à política e à paz: o crescente absentismo eleitoral e desinteresse na participação política; a frequência de atitudes que denotam falta de ética da parte de políticos de quem se esperaria um comportamento exemplar; a marginalização de jovens vítimas do desemprego; o apoio que em muitos países recolhem discursos baseados na hostilidade aos estrangeiros e fomentadores de ódio; a violência verbal para com adversários políticos; a persistência de guerras perante o alheamento de muitos responsáveis políticos; o comércio de armas, clandestino ou com a cumplicidade de governos indiferentes ao destino que a estas é dado

Neste contexto, queremos pôr em relevo alguns dos aspetos da referida mensagem:

Deve ser reafirmada a dignidade da política («*uma forma eminente de caridade*») como serviço à vida e dignidade das pessoas, aos direitos humanos fundamentais (os quais não podem ser desligados dos deveres respetivos) e à paz.

A política assim concebida leva a estabelecer entre as gerações presentes e as gerações futuras laços de confiança e gratidão.

A boa política promove a participação política dos jovens. Reconhece as capacidades de cada pessoa e encoraja os talentos e vocações dos jovens, porque «*cada um pode contribuir com uma pedra para a construção da casa comum*» e «*cada mulher, cada homem e cada geração encerram em si uma promessa que pode libertar novas energias relacionais, intelectuais, culturais e espirituais*».

A boa política promove a confiança no outro. Vivemos hoje um clima de desconfiança enraizada no medo do outro ou do estrangeiro que se manifesta em atitudes de fechamento ou nacionalismo que colocam em questão a fraternidade universal, de que o nosso mundo globalizado tanto precisa.

A paz não é um simples equilíbrio de forças, nem pode assentar na ameaça e medo de retaliações. Manter o outro sob ameaça é reduzi-lo a objeto e negar a sua dignidade.

Merecem especial cuidado e proteção as crianças vítimas da guerra (uma em cada seis, no mundo inteiro), algumas delas arregimentadas como soldados ou reféns de grupos armados.

A paz supõe uma conversão do coração e do espírito e nas suas vertentes pessoal e comunitária inclui três dimensões indissociáveis: a paz com o outro (o familiar, o amigo, o estrangeiro, o pobre, a pessoa que sofre), a paz com a criação (um dom de Deus por que somos responsáveis enquanto habitantes do mundo e construtores do futuro) e a paz consigo mesmo (o que supõe a recusa da intransigência, da cólera e da impaciência).

A política da paz apoia-se e renova-se no espírito do *Magnificat* que Maria, Rainha da Paz, canta por nós e por todas as gerações: «*...exaltou os humildes...aos famintos encheu de bens...lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre*» (Lc, 49-55).

Lisboa, 1 de janeiro de 2019

A Comissão Nacional Justiça e Paz